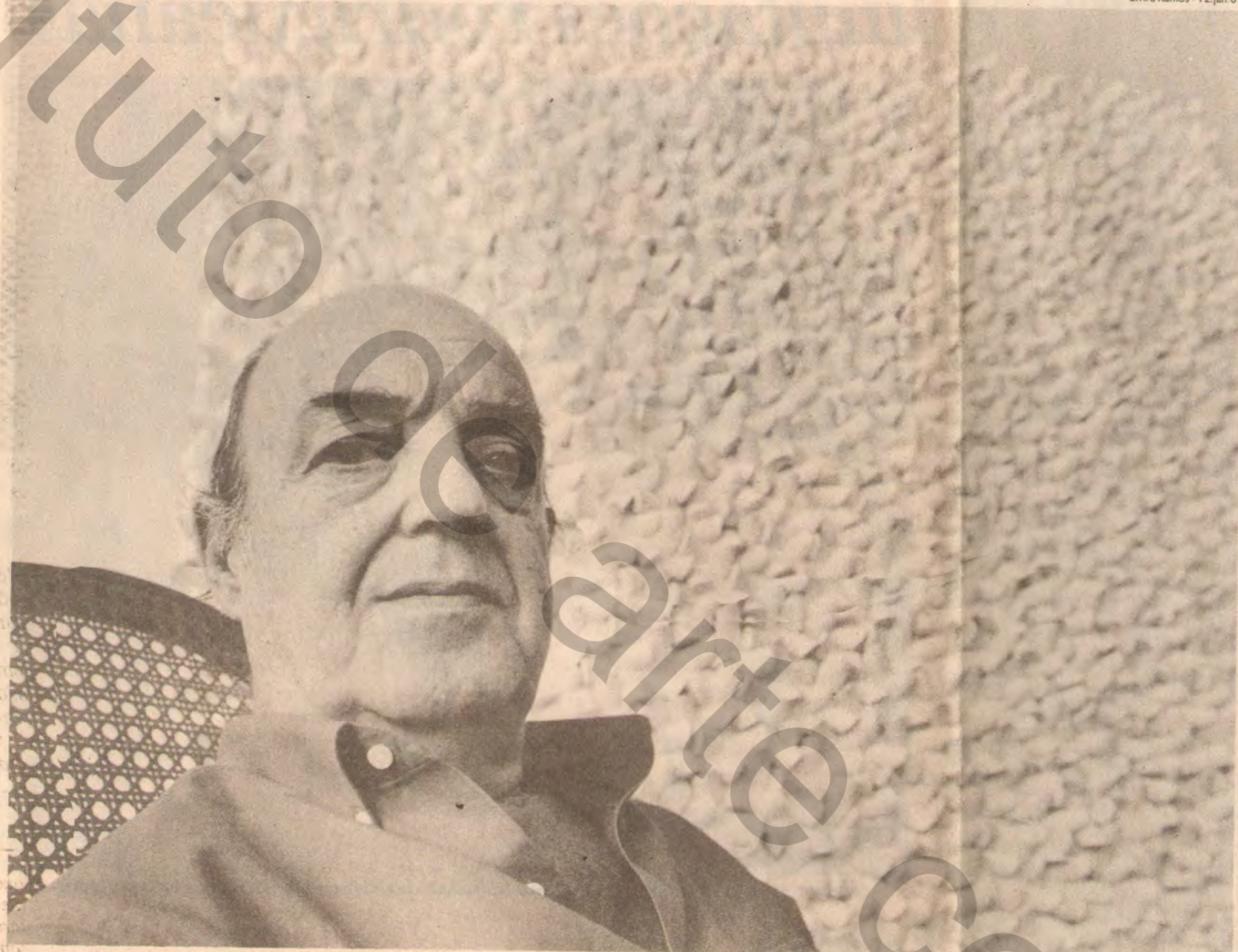


# Morre aos 60 anos o escultor Sergio Camargo

Elvira Ramos - 12.jan.89

Da Reportagem Local



O escultor Sergio Camargo, em seu ateliê e casa em Jacarepaguá, bairro da zona norte no Rio, posa junto a uma de suas obras

Morreu ontem, no Rio, o escultor Sergio Camargo, aos 60 anos. Internado anteontem à noite na Clínica Pró-Cardíaco, em Botafogo (zona sul do Rio), o escultor morreu por volta do meio-dia. Camargo tinha câncer. Será enterrado hoje, às 10h, no cemitério São João Batista. Considerado o principal nome da escultura brasileira contemporânea, Camargo realizou sua última exposição em setembro passado, no Gabinete de Arte Raquel Arnaud em São Paulo. Na ocasião foi lançado o livro "Sergio Camargo", do crítico Ronaldo Brito, um ensaio definitivo sobre a obra daquele que dividia com Amílcar de Castro o papel de sinalizador de toda uma geração de escultores.

Segundo o ensaio de Ronaldo Brito, Camargo propõe com suas esculturas uma fenomenologia da ordem moderna, exigindo do espectador um olhar não-analógico. Suas esculturas abandonam a natureza, expurgam todas as metáforas e têm —para escândalo dos puristas, que insistem em associar o trabalho de Camargo ao construtivismo positivista— uma relação muito íntima com os propósitos dadaístas, "enquanto lógica e estética de desintegração".

Com efeito, a geometria de Camargo não era rígida e inflexível como a dos construtivistas. Ele começou a esculpir, nos anos 40, formas que tinham algo de barroco, como suas mulheres volumosas e suas "tartarugas voadoras". Superada essa visão an-

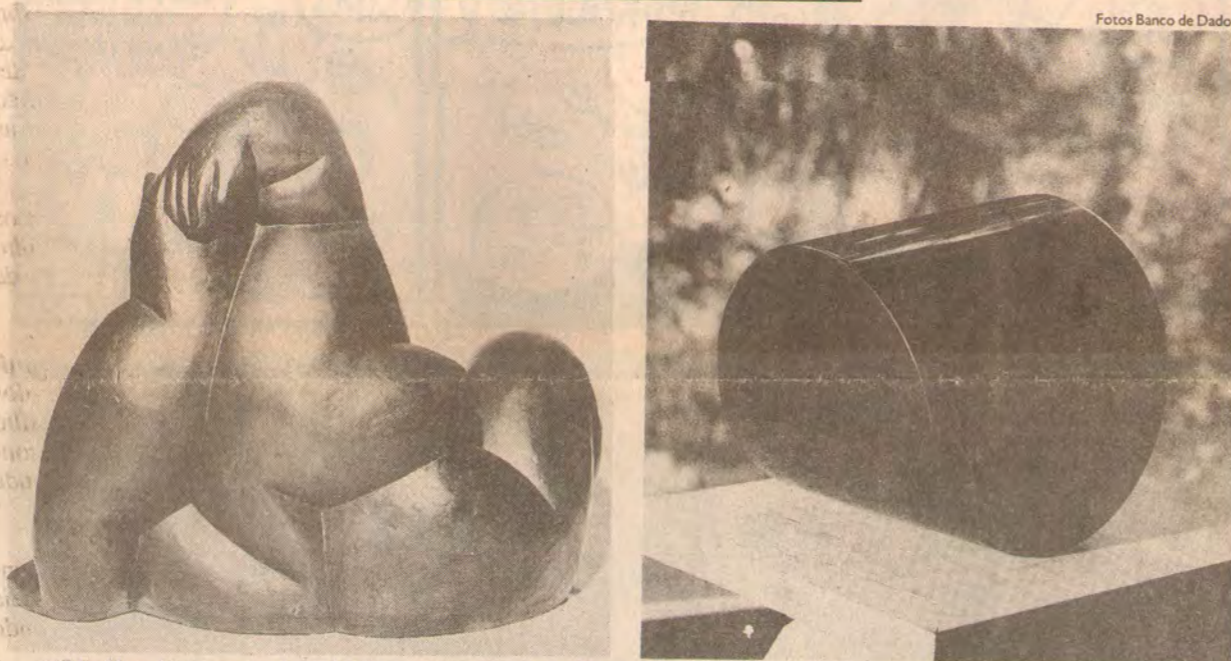
tropomórfica do volume, nos anos 50, quando conhece o escultor romeno Constantin Brancusi (1876-1957) em Paris, Camargo promove uma ruptura brutal com essas formas. Oscilando entre a limpeza formal e reducionista de Brancusi e as formas brutas do francês Henri Laurens (1885-1954), começa a reavaliar o volume como elemento.

Outra grande influência foi seu professor argentino Lucio Fontana (1899-1968). É possível identificar no gesto brusco de Fontana, ao rasgar a tela, a matriz de suas "trombas", cilindros que saem de uma superfície branca, ou seja, do plano, para formular a noção de campo, segundo Ronaldo Brito. Já então, Camargo havia produzido séries de "relevos" (pequenos cilindros brancos que saem da tela em ângulos de 45 graus), associados por equívoco à "op art".

Camargo passou ao largo desses movimentos, escapando também da ortodoxia neoconcreta. Brito classifica seu construtivismo de "transversal", porque "alheio a programas e políticas de integração social da arte". Nos anos 60, ele usava um material nobre, o mármore de Carrara, como signo da imaterialidade, quando a palavra de ordem era exatamente o concretismo. Nos anos 70, já morando na França, ele passa pela influência de Van-tongerloo. Nos 80, trabalhou com outro material nobre —o mármore negro belga

## Da figura à abstração

Fotos Banco de Dados



"Mulher" (esq.), de 54, faz parte da fase figurativa de Sergio Camargo, entre anos 40 e 50; "Escultura nº 386 em Pedra Negra Belga" (1973) mostra a abstração, iniciada no final dos 50

## REPERCUSSÃO

Rodrigo Naves, 35, crítico de arte e editor da revista "Novos Estudos": "Sergio Camargo era um dos melhores escultores brasileiros. Sua obra tinha uma peculiaridade que a distinguiu: apesar de ser muito construtiva, com o procedimento metodológico claro, depois do trabalho terminado, a obra pronta desmontava esse caminho explicitado. Não havia ilusões quanto ao método, à razão, à organização. O método desmistificava o próprio método. Sua grandeza era a capacidade de desfazer o construtivismo."

Fábio Magalhães, 48, conservador-chefe do Museu de Arte de São Paulo (Masp): "É uma perda terrível de um artista ainda jovem. Sergio Camargo foi, de longe, um dos maiores artistas da América Latina e também de nosso tempo. Ele pesquisou a forma até chegar numa síntese bonita e inteligente, sem deixar de ser sensual. Como conservador do Museu de Arte de São Paulo e diante de todas as lacunas do acervo do Masp, sinto a ausência das obras de Sergio Camargo como uma grave falha."

José Resende, 44, escultor: "Infelizmente, Sergio Camargo não poderá assistir o reconhecimento de sua obra numa dimensão universal —coisa que já estava começando a acontecer por aqui. Sergio Camargo deixa uma obra exemplar, coisa muito rara num país como o Brasil. Ele sempre esteve preocupado com as questões culturais do Brasil e nunca deixou de lutar no sentido de dar um caráter de maior densidade à criação artística. Sergio Camargo foi também um grande colega."